

## SOCIOLOGIA OU BIOGRAFIA? Bauman sob a perspectiva de seus intérpretes

Cleto Junior P. de ABREU<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo procura retomar criticamente estudos dedicados ao pensamento de Zygmunt Bauman, sociólogo polonês contemporâneo, a fim de apreender seu significado no contexto geral de produção e difusão das obras do autor. Ao associar de modo ostensivo a vida do autor ao seu *modus operandi*, essas análises aproximam-se mais de um estudo biográfico que propriamente metateórico. Para tanto, utilizaremos a crítica das biografias e autobiografias de Pierre Bourdieu, no sentido de demonstrar a insuficiência de tais leituras. Concluímos que os estudos correntes da sociologia de Bauman respondem mais ao interesse despertado pelo autor nas últimas décadas no amplo público não especializado, que propriamente a demandas acadêmicas. Contudo, a sociologia do autor parece enraizar-se numa perspectiva dialógica entre conhecimento científico e senso comum.

**Palavras-chave:** Teoria social contemporânea. Estudos teóricos. Zygmunt Bauman. Biografia.

### SOCIOLOGY OR BIOGRAPHY? Bauman under the perspective of his interpreters

**Abstract:** The article aims to resume critically studies devoted to the thought of Zygmunt Bauman, contemporary Polish sociologist, in order to grasp their significance in the overall production and dissemination of his work. By associating ostensibly the author's life to his *modus operandi*, such assessments are closer to a biographical study than properly metatheoretical one. To do so, we use the critical biographies and autobiographies of Pierre Bourdieu, in order to demonstrate the inadequacy of such readings. We conclude that the current studies of Bauman's sociology respond more to the interest aroused by the author in recent decades in the broad non-specialized public, which demands a proper academic. However, the sociology of the author seems to be rooted in a dialogical perspective between scientific knowledge and common sense.

**Keywords:** Contemporary social theory. Theoretical studies. Zygmunt Bauman. Biography.

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista - Unesp (Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - FCL - Campus de Araraquara).

## Introdução

Os escritos de Zygmunt Bauman (1925-), sociólogo polonês radicado na Inglaterra desde a década de 1970, carecem de uma análise plena de seu significado e importância para o horizonte teórico ao qual se volta o pensamento social contemporâneo. Se tomarmos, por exemplo, a área do conhecimento científico em que sua reflexão está radicada, a sociologia, dificilmente, encontraremos arrolados nas bibliografias básicas das disciplinas, seus principais livros. No mais, aparecem como “coadjuvantes”, devidamente ajustados à temática em questão, cujo entendimento pleno é na, maioria das vezes, protagonizado por outros autores, mais “reconhecidos” – porque mais “teóricos” – com alto valor estatutário no interior no campo sociológico. Mesmo se passarmos em revista disciplinas que tratam justamente do principal objeto de Bauman, a modernidade, não é incomum percebermos sua ausência. Surpreendentemente *percebemos* o que *não está ali*. Notamos a sua ausência, porque sabemos de sua presença: dos seus temas preferidos, de suas metáforas, do pessimismo de sua reflexão e dos constrangimentos perversos da assim chamada modernidade líquida. Essa “ausência tão presente” de Bauman nas aulas de sociologia da modernidade ou teoria sociológica contemporânea lança nosso olhar para outro lugar, onde a sociologia *strictu sensu* e os escritos metafóricos do autor são sinônimos, e onde ele é reconhecido, de modo contrastivo à academia, como o mais interessante, envolvente e instigante pensador social dos novos tempos. O lugar é o mundo da vida cotidiana e do saber que lhe é inerente, o senso comum.

Justamente pelo fato de a escrita de Bauman estar voltada ao público leigo, muitos de seus comentadores se confundem na reconstrução de seu pensamento, por vezes, tomando-o como uma espécie de humanista ou “tradutor” do mundo, sem objetivos teóricos claros. Por conseguinte, os estudos correntes sobre sua sociologia não conseguem atingir os objetivos a que se prestam, a saber, a sistematização de sua reflexão. Tais análises limitam-se à superfície das obras, ao que está diretamente dado nos argumentos e proposições. Nesse sentido, carecem de validade, na medida em que tais argumentos e proposições são construídos pelo autor de modo a se ajustarem ao senso comum, distanciando-se, assim, do enquadramento tradicional em que as pesquisas em ciências sociais se dão. No limite, o equívoco de seus intérpretes está refletido na apreciação puramente biográfica de seu pensamento, matizando-o de tons épicos e míticos, próximos das narrativas feitas sob medida para a indústria cultural.

## Tentativas de reconstrução teórica: as interpretações da obra de Bauman

Nas últimas décadas, muito se tem falado sobre o pensamento do sociólogo polonês e de sua contribuição para a análise dos aspectos culturais das sociedades modernas contemporâneas. Alguns, como Anthony Giddens, o identificam como um dos principais autores do que se conveniou chamar de “pós-modernidade”, outros como Dennis Smith (1999) o tomam metaforicamente como um verdadeiro “profeta” que em seus escritos prenuncia a emergência de uma sociedade indeterminada ao fim do processo de “fluidificação social” atual. Destaca-se, sobretudo, pelo grande interesse que despertou em leitores não familiarizados com as teorias sociológicas, nomeadamente em suas últimas obras<sup>2</sup>, o que acabou abrindo espaço para que também os atores leigos pudessem fruir do pensamento social de algum modo sem que, para tanto, tenham de lidar com o instrumental próprio da disciplina.

Em termos de fortuna crítica, muito do que se tem dito sobre o pensamento desse sociólogo de presença relativamente recente em termos editoriais, mas com expressivo vigor analítico desde o final da década de 1950, não passa, por vezes, de pequenas notas de apresentação em obras, de resenhas ocasionais quando do lançamento de um ou outro escrito ou destacado como coadjuvante em textos de caráter opinativo nos meios de comunicação. Entretanto, desde meados da década de 1990<sup>3</sup>, alguns autores passaram a problematizar a obra de Bauman e identificar suas possíveis contribuições para a investigação social da modernidade, paralelamente ao alcance editorial e à visibilidade que os textos do autor passaram a ter no período de aposentadoria, após sua saída da Universidade de Leeds, em 1990, quando começou a publicar amiúde obras nomeadamente voltadas para um amplo público, munindo-se de metáforas genéricas, ainda que sugestivas, com o objetivo claro de

---

<sup>2</sup> No decorrer da exposição denominaremos de *série da fluidez social* o conjunto de obras em que Bauman procura analisar o cotidiano das sociedades modernas contemporâneas pelo signo da fluidez dos laços sociais. São elas: *Modernidade Líquida* (2000), *Amor Líquido* (2003), *Vida Líquida* (2005), *Medo Líquido* (2006) e *Tempos Líquidos* (2007) – as respectivas datas referem-se ao ano de publicação da primeira edição das obras originais em língua inglesa.

<sup>3</sup> Pelo que pudemos constatar, a primeira publicação sobre o pensamento de Bauman, *Culture, modernity and revolution: essays in honour of Zygmunt Bauman* é organizada por Richard Kilminster e Ian Varcoe, data de 1996. Trata-se de uma coletânea de ensaios sobre temas relacionados à modernidade em suas várias dimensões. A despeito do que sugere o título, os organizadores dedicam apenas um ensaio ao pensamento de Bauman, como introdução à obra.

filtrar, para o cotidiano dos atores sociais, o conhecimento sociológico acumulado durante décadas de vida acadêmica, procurando estimular um entendimento sociológico da realidade social no nível do senso comum ou, como ele mesmo diz, para fazer com que a compreensão sociológica se volte também para a “promoção da autonomia e da liberdade humanas”, ao focar “a autoconsciência, a compreensão e a responsabilidade individuais” (2001, p. 243).

O interesse metateórico pela obra de Bauman, refletido nas diversas análises de seu pensamento, endereça-se especialmente à relação entre vida e a obra do autor; cujo exame funciona, para alguns comentaristas, como Smith (1999) e Tester (2004), enquanto válido para explicitação das ideias basilares que apresenta. Na medida em que o ecletismo, a livre articulação dos objetos abordados e a escrita ensaística do autor dificultam a apreensão da estrutura de seu pensamento. Os estudos voltados para a compreensão de sua sociologia geralmente tentam associar episódios biográficos de Bauman, como o longo exílio pós-Varsóvia, a conceitos-metáfora manipulados pelo autor como “turista”, “vagabundo”<sup>4</sup> e “estrangeiro”<sup>5</sup>. Ainda que para esses comentaristas, a escrita de Bauman seja indubitavelmente sociológica, tais análises não ousam ir além do cotejamento da relação obra-vida, cujos resultados se aproximam mais de uma biografia que de um estudo teórico<sup>6</sup>. Em outras palavras, os comenta-

---

<sup>4</sup> As metáforas “turista” e “vagabundo” foram cunhadas por Michel Maffesoli em sua obra *Du nomadisme: vagabondages initiatiques*, de 1997 (*Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*, Record, 2001).

<sup>5</sup> “Bauman is part of the story he tells. He can be found on the map he draws” (Dennis Smith, *Zygmunt Bauman: prophet of postmodernity*, 1999). A utilização de narrativas individuais como objeto heurístico para a análise de configurações sociais específicas é corroborada pela sociologia processual de Norbert Elias (2008), em que as noções de indivíduo e sociedade são dessubstancializadas e articuladas num mesmo fenômeno, que o autor denomina “configuração”. A análise da biografia de Bauman poderia ser utilizada, nesse sentido, como um caso representativo de uma dada configuração social, para demonstrar, por exemplo, a transição teórica de intelectuais anteriormente radicados no marxismo, e, portanto, atentos à dinâmica das relações de produção e dos conflitos de classe, para teorias caras ao que se convencionou chamar de pós-modernismo que, de modo geral, postulam a crise das grandes narrativas orientadoras da modernidade, dentre elas o marxismo. No caso de Smith, a narrativa da vida de Bauman acena para essa perspectiva na medida em que menciona também os macroprocessos que pautaram a trajetória do autor. Contudo, o objetivo de sua análise é tão somente compreender quem é (foi) Bauman, sua agenda e o sentido de seu pensamento.

<sup>6</sup> Delimitar o que vem a ser a sociologia de Bauman não é algo tão simples como parece. Quando nos deparamos com seus escritos contemporâneos, comumente repletos de metáforas e argumentos por vezes pouco elaborados, como que voltados para um leitor não perito, a impressão que logo se impõe é a de que se trata de uma sociologia livre e espontânea sem qualquer preocupação metodológica. Daí talvez o fato de boa parte

dores de Bauman atêm-se mais à questão de como o autor se tornou um sociólogo do que, mais propriamente, à especificidade de sua sociologia. Contudo, entre outras coisas, a sociologia, como área específica da ciência moderna e como disciplina acadêmica, pressupõe o pensar sobre um objeto determinado segundo metodologia adequada para compreensão de sua natureza. Mesmo o tomando por sociólogo, seus intérpretes desviam-se de problemas cuja solução os poderia aproximar do que venha a ser a “sociologia” do autor, como por exemplo, a lógica de sua técnica de pesquisa<sup>7</sup>.

Um dos motivos deste trabalho é justamente perseguir esse objetivo e demonstrar o pensamento (ou a sociologia) de Bauman com base no seu modo específico de análise, ainda que não explícito e voltado para o senso comum dos leitores não especializados no âmbito da disciplina acadêmica. O modelo de análise assumido pelo autor, na série da fluidez social, é uma apropriação da concepção do nexa teoria-prática de Jürgen Habermas<sup>8</sup>, em que o esclarecimento da consciência do sujeito reificado na modernidade pode ser levado a cabo por meio de uma intenção dialógica assumida pela crítica da sociedade ao relacionar seus resultados de pesquisa (teoria) à consciência dos atores leigos (prática). A formalização desse nexa entre teoria e prática, segundo o filósofo alemão, pode ser encontrada de modo patente no diálogo terapêutico da psicanálise e na

---

dos comentaristas de seu trabalho recorrer a entrevistas e episódios biográficos para delimitar com alguma precisão seu pensamento.

<sup>7</sup> Mais precisamente, referimo-nos à técnica de pesquisa do autor e em que sentido ela pode ser considerada sociológica. Se Bauman “traduz o mundo em textos” guiando-se por uma “sociologia eclética” necessária para a compreensão da multiplicidade da experiência humana (BAUMAN; TESTER, 2011; 2002) ou se “busca acima de tudo ‘revelar’ a miríade de conexões entre o objeto da investigação e outras manifestações da vida na sociedade humana” (BAUMAN; VECCHI, 2005, p. 8), a questão que se impõe é saber a quais procedimentos metodológicos ele recorre em suas análises. Se, como afirma Smith (1999), o autor de *Modernidade Líquida* é um dos mais interessantes e influentes comentaristas no acalorado debate sobre modernidade e pós-modernidade (reconhecimento insustentável se tomarmos como ponto de referência do debate nomes como Fredric Jameson, David Harvey e, em certa medida, Anthony Giddens, cujos escritos sobre o desenvolvimento da modernidade sequer mencionam o autor ou suas ideias), faz sentido à declaração do intérprete de que a sociologia de Bauman realmente “flexione” a tradição teórica em que está radicada e oriente novos modos de abordagem. Caso contrário, o sociólogo polonês estaria limitado ao pressuposto básico de toda pesquisa social ordinária, a saber, a busca de fenômenos de natureza tipicamente social que interconectem agentes individuais em um domínio específico.

<sup>8</sup> Sobretudo nas obras *Erkenntnis und Interesse* (Conhecimento e Interesse, Zahar Editores, 1982), *Technik und Wissenschaft als “Ideologie”* (Ciencia y Técnica como ideologia, Tecnos, Madri, 1986), ambas publicadas em 1968 e *Theorie und Praxis* (Teoria y Praxis: estudios de filosofia social, Tecnos, Madri, 1990) de 1971.

crítica da ideologia. Em Bauman, esse modelo denexo teoria-prática sustentaria sua tentativa, em livros como *Modernidade Líquida*, de relacionar as conclusões das ciências humanas - especialmente a teoria sociológica - ao entendimento dos atores leigos no nível do senso comum.

Por exemplo, na obra *Vida Líquida* (2007a), o autor recorta um fragmento do cotidiano, um episódio de uma série de comédia inglesa muito famosa – *Monty Python’s Flying Circus* –, para desenvolver sua reflexão sobre a individualidade na modernidade atual. Em *Modernidade Líquida*, a partir de um anúncio da coluna de “empregos procurados” em um periódico (“tenho carro, posso viajar), o sociólogo polonês reflete sobre a obsessão por valores do novo capitalismo, agora leve, que viaja “apenas com a bagagem de mão, que inclui nada mais que pasta, telefone celular e computador portátil” (BAUMAN, 2001, p. 70). As próprias dicotomias do autor, sólido/líquido, produtor/consumidor, turista/vagabundo, capitalismo hardware/ capitalismo software entre outras, servem ao propósito de dialogar com o senso comum.

Cabe expor de maneira sucinta e com pretensão diversa de seus comentadores alguns episódios da vida de Bauman, tão somente para localizar historicamente o autor sem, no entanto, utilizar esses elementos como explicação genealógica de seus conceitos e metáforas<sup>9</sup>.

Bauman nasceu em 1925, na cidade de Poznan, região noroeste da Polônia. De origem judaica, foi forçado a migrar com a família para a então União Soviética, em 1939, para escapar do avanço das tropas nazistas. Em território russo, uniu-se ao exército soviético, partindo depois para o *front* de batalha polonês<sup>10</sup>. Ainda como um jovem soldado, no período que se estendeu entre a Segunda Guerra Mundial e o retorno à terra natal, Bauman interessou-se, sobretudo, pelo marxismo oficial soviético e a esperança criada pela teoria social de Marx em relação a um futuro livre e igualitário para a humanidade. Assim, filiou-se ao Partido Comunista Polonês com sua esposa Janina Bauman e, em 1954, iniciou

---

<sup>9</sup> Todavia, um momento da trajetória do autor é especialmente relevante para o estudo de sua sociologia, a saber, o momento em que se desloca do *background* teórico quando em Varsóvia e mesmo em Leeds e se torna amplamente *conhecido* como um nome significativo do *mainstream* sociológico contemporâneo por um público crescente de leitores não familiarizados com a teoria social. Nesse sentido, o “reconhecimento” atribuído pelos comentadores a Bauman pode estar relacionado mais aos *aspectos externos* (a difusão de seus textos pelos mercados editoriais nacionais) que aos *aspectos internos da obra* (sociologia propositiva pela retomada crítica de uma tradição específica e devido escrutínio interpares).

<sup>10</sup> No pós-guerra, Bauman subiu rapidamente na hierarquia militar e tornou-se um dos mais jovens *majors* (oficial de grau médio) do exército polonês (JACOBSEN; PODER, 2008, SMITH, 1999).

sua carreira intelectual na Universidade de Varsóvia, onde assumiria dez anos depois a cátedra de Sociologia Geral e, posteriormente, a direção do então Departamento de Sociologia. Diante do cerco teórico pelo qual passavam os intelectuais poloneses naquele período<sup>11</sup>, não é difícil deduzir que a trajetória ascendente de Bauman na Universidade de Varsóvia e no mundo acadêmico polonês da época se pautou, em grande medida, pela afinidade entre sua visão teórica e política e aquilo que no momento se tomava por “boa ciência social”, a saber, uma análise social agradável aos PCs polonês e soviético. Mais tarde, o sociólogo polonês iria afirmar com certa resignação a desilusão com o marxismo oficial do qual era um fervoroso partidário e a importância da leitura da obra de Gramsci para a preservação do legado de Marx em seu pensamento (BAUMAN; TESTER, 2002, 2011). A ruptura com o Partido Comunista Polonês e com a versão do marxismo ditada pela intelectualidade conservadora soviética veio com o que Bauman afirmou ser uma “campanha antissemítica” promovida pelas autoridades comunistas polonesas, em 1968, cujo desdobramento o obrigou a afastar-se do cargo e exilar-se<sup>12</sup>. Após um período de três anos transitando por universidades de países como Israel e Austrália, Bauman finalmente se fixou, em 1971, na Universidade de Leeds, Inglaterra, onde se estabeleceu com sua esposa Janina.

Como mencionado anteriormente, seus intérpretes habitualmente procuram demonstrar a influência dos episódios propriamente biográficos nos escritos do sociólogo polonês, ao identificar pontos de contato entre algumas de suas metáforas analíticas e suas experiências de vida, no intuito de ressaltar aspectos fundamentais de seu modo de fazer sociologia. Não por acaso, os comentários acerca de sua obra acabam sobrepondo episódios de sua vida aos procedimentos de análise do autor; a ponto de essas interpretações se aproximarem mais de uma espécie de relato biográfico do que, propriamente, de uma explicação teórica sobre o modo como o autor se debruça sobre os objetos sociais e quais re-

---

<sup>11</sup> Bauman chegou mesmo a dizer que no momento de ingresso na Universidade de Varsóvia, o então Departamento de Filosofia e Sociologia sofria o que chamava de um processo de “stalinização” que culminou no fechamento de muitos cursos como os de Stanislaw Ossowski, um de seus primeiros mestres (2011, p. 27).

<sup>12</sup> O episódio deveu-se à recusa de Bauman e outros dois professores da Universidade de Varsóvia, Leszek Kolakowski e Włodzimierz Brus, em censurar um manifesto estudantil contrário aos imperativos do Partido Comunista Polonês e seu modelo de socialismo. Em decorrência, Bauman foi acusado pelas autoridades polonesas de corromper a juventude e fomentar ondas de revoltas estudantis contra o PC polonês. Para Jacobsen e Poder (2008) como também para Bauman, as acusações demonstravam claros sinais de antisemitismo por parte das autoridades polonesas, fato mencionado *en passant* e de maneira imprecisa pelos autores, o que torna esse episódio um tanto confuso e nebuloso.

curso metodológico e princípios epistemológicos guiam sua reflexão. Smith (1999), por exemplo, situa em sua experiência itinerante, quando exilado, o interesse do autor por figuras como o “turista”, o “vagabundo” e o “estrangeiro”, que manipula quando analisa o impacto da globalização financeira sobre os territórios nacionais na modernidade atual. Mesmo um dos críticos à ênfase biográfica dada às análises do pensamento de Bauman, o sociólogo inglês Keith Tester, não foge ao padrão: em vez de destacar a biografia do autor como ponto nodal de suas reflexões, Tester identifica como central outra biografia, a da esposa dele Janina Bauman, cujo livro de memórias *Inverno na manhã: uma jovem no gueto de Varsóvia* (2005) teria exercido grande influência na visão do autor sobre o Holocausto (BAUMAN; TESTER, 2002, 2011, BAUMAN, 1998a). Não negamos o impacto da biografia de Bauman em suas análises, mas preferimos não estender em demasia essa relação, na medida em que, quando se debruça sobre objetos sociais, o autor também se pauta por motivos teóricos, além dos propriamente biográficos.

Tal como Smith, Tester não chega a explicitar de maneira precisa como entende a sociologia de Bauman e prefere, seguindo os argumentos “altruístas” do autor, tomá-lo como um pensador que “usa uma sociologia eclética para mostrar a seus leitores que o mundo pode ser diferente do que é; e que, apesar de tudo, existe uma alternativa” (BAUMAN; TESTER, 2002, p. 23, 2011, p. 19). Em obra posterior, *The social thought of Zygmunt Bauman* (2004), ao tentar estabelecer a perspectiva e o encaminhamento da reflexão do sociólogo polonês, Tester não prescinde de determinados episódios na trajetória biográfica do autor para validar o sentido e a natureza de sua sociologia<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Conforme Tester, as concepções de sociologia, de ação política e de ética de Bauman estão radicadas no intervalo que vai de sua adolescência como soldado na frente soviética, durante a Segunda Guerra Mundial, passa por sua exoneração do exército polonês, em 1953, até o exílio em 1968, os dois últimos episódios sendo frutos de campanhas antissemitas promovidas pelas autoridades polonesas. Na perspectiva de Tester, a sociologia de Bauman está em grande medida lastreada nos momentos em que o indivíduo foi confrontado com a realidade polonesa pré e pós-Segunda Guerra Mundial. Sob esse ponto de vista, confundem-se os âmbitos da sociologia e da biografia individual, tornando inócua a crítica de Tester a Smith (a ênfase biográfica). Mais uma vez, a interpretação se orienta para a análise de como Bauman se tornou sociólogo e não ao que seria mais pertinente em termos de história do pensamento social: o que sua sociologia tem a oferecer de específico ao campo das ciências sociais, que legitime a emergência de comentários exclusivos de seu pensamento (e que afirmam sua singularidade)? A resposta comumente dada a essa questão é a seguinte: trata-se de uma sociologia eclética que traduz o mundo em textos. Ora, que teórico social não recorre a uma tradição específica para “traduzir” a experiência humana de seu tempo em uma gramática sociológica? Resta saber a qual técnica o autor lança mão na operação de tradução da experiência humana contemporânea.



Também é comum entre os comentaristas de Bauman a recorrência a entrevistas com o próprio autor com o objetivo de esclarecer pontos de seu pensamento e influências teóricas, pressupondo que uma autoanálise do sociólogo em relação aos seus principais escritos subsidiaria o esboço de sua sociologia. No limite, a recorrência a entrevistas combinadas com estudos autorais reflete a tentativa forçosa de seus intérpretes em especificar a natureza de seu pensamento sem, contudo, atingirem seu objetivo. Assim, além de nada acrescentar ao que já está presente em seus textos, nas entrevistas, Bauman habitualmente reitera argumentos desenvolvidos alhures.

## **Sociologia não é biografia: pensando com Bourdieu**

A compreensão do conjunto de um pensamento ou de “períodos teóricos” de uma biografia intelectual a partir de entrevistas ou dados biográficos pode até ganhar elementos novos e elucidar uma lacuna ou outra nos escritos de um autor ou mesmo ressaltar suas influências teóricas. Mas elevar como critério de compreensão do pensamento de um autor somente o que ele diz em determinado momento, sem atinar para a historicidade do objeto estudado, é certamente um equívoco. Um equívoco denunciado por Pierre Bourdieu em *A ilusão biográfica*, a saber, o “postulado do sentido da existência contada”, admitido tanto pelo entrevistado quanto pelo entrevistador.

Sem dúvida, temos o direito de supor que a narrativa autobiográfica se inspira sempre, ao menos em parte, na preocupação de atribuir sentido, de encontrar a razão, de descobrir uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, de estabelecer relações inteligíveis, como a do efeito com a causa eficiente, entre estados sucessivos, constituídos como etapas de um desenvolvimento necessário (BOURDIEU, 2010, p. 75).

A afirmação do sociólogo francês desautoriza a “verdade” das biografias e autobiografias ao denunciar sua inclinação quase (ou mesmo!) metafísica que, com base em modelos narrativos típicos de uma “filosofia da existência”, pressupõem a vida enquanto projeto e idealizam uma linha histórica cujo critério de verdade está na boca do entrevistado e no ouvido de quem entrevista, segundo um acordo prévio não declarado. Nesse sentido, Bourdieu prefere entender a “biografia” enquanto uma trajetória de vida em que o agente ocupou sucessivas posições em campos de poder

variados e que, a partir das circunstâncias dadas e de seu posicionamento relativo no campo, tomou essa ou aquela escolha. Segundo o sociólogo francês, para além de seus atributos biológicos (indivíduo concreto), o agente social é também um indivíduo construído pelos espaços sociais que atravessa em sua trajetória de vida e que instituem as marcas de sua personalidade e de sua existência social. Assim, os aspectos que singularizam determinado agente não podem ser justificados com base em um encadeamento unívoco dado pela narrativa biográfica ou autobiográfica, em que geralmente é hispostasiada uma origem, um princípio gerador, um “começo absoluto” – que aparece sob a forma de expressões comuns como “já”, “desde então”, “desde sua mais tenra idade” – determinante para os desdobramentos futuros da vida individual (BOURDIEU, 1995, 2010)<sup>14</sup>. Mais profundamente, a narrativa biográfica consiste em atribuir um sentido, uma causalidade entre determinados episódios da vida contada que os encaminha para um *télos*, ponto de culminância e de atualização daquilo que se conservava em potência. Do mesmo modo, é assim apresentada a trajetória de vida e pensamento de Bauman, como observado em seus comentaristas-biógrafos, os quais procuram esboçar a ordem geral de seu pensamento por meio de um princípio geral, um ato fundador, derivado de sua experiência enquanto intelectual, judeu e emigrante em um contexto histórico fortemente marcado pelo antisemitismo na Polônia pré e pós-Segunda Guerra Mundial. Por conseguinte, esse projeto original, que se desdobraria na futura concepção teórica do autor, elucidaria não só os temas de seu interesse como também seu método de investigação social, a saber, uma sociologia eclética que dispensa as fronteiras disciplinares e que se volta para a compreensão do sofrimento humano na modernidade<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> Bourdieu investiga os mecanismos sociais que fundamentam o “postulado da existência contada” e a verdade pressuposta das narrativas de vida em *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário* (*Les règles de l'art: g nese et structure du champ littéraire*, de 1992) e *Razões práticas: sobre a teoria da a o* (*Raisons pratiques: sur la théorie de l'ac on*, de 1994).

<sup>15</sup> Como mencionado anteriormente, o interesse “metateórico” pelo pensamento de Bauman ocorreu paralelamente ao crescente reconhecimento de seus textos por uma ampla gama de leitores não habituados ao discurso sociológico, a partir da década de 1990 – e que ganha t nus com o lançamento de *Modernidade Líquida* em 2000. Essa conexão histórica entre o crescimento do público leitor de Bauman e o surgimento de estudos voltados ao seu pensamento pode representar uma afinidade de interesses entre a demanda dos mercados editoriais consumidores de sua sociologia e as análises “biográficas” de seu pensamento, que comumente o representam por meio de uma narrativa de vida pausada por feitos e desafios de um futuro pensador em um mundo pouco hospitaleiro aos seres humanos (a Pol nia no pós-guerra). Após tais episódios, conforme seus comentaristas, o sociólogo polonês atualmente procuraria “mostrar a seus leitores que o mundo pode ser diferente do que é; e que, apesar de tudo, existe uma alternativa” (BAUMAN;

Diferentemente da maioria de seus intérpretes, perguntaremos antes o que é a sociologia de Bauman e não como a experiência histórica do indivíduo se expressa em seu pensamento. Nesse sentido, deve-se investigar o que há de propriamente sociológico nos escritos do autor, orientando-se pelo estudo de suas técnicas de abordagem (se o autor se apropria criticamente de um método específico ou se recorre a novos modelos de abordagem) e se é possível sustentar a afirmação comumente aceita pelos estudos autorais supracitados que o identificam como um dos mais brilhantes e interessantes sociólogos da atualidade (SMITH, 1999, BAUMAN; TESTER, 2002, 2011, TESTER, 2004, ROVIROSA-MADRAZO; BAUMAN, 2010, VECCHI; BAUMAN, 2005). Assim, a análise dos aspectos internos da obra de Bauman, a saber, a técnica de pesquisa do autor, poderá subsidiar a reconstrução de sua “sociologia da modernidade líquida”. Eis nossa tese: a sociologia da modernidade líquida, desenvolvida por Bauman nos textos que compreendem a série da fluidez social, sobretudo em *Modernidade Líquida*, é um esforço do autor em articular conhecimento sociológico e conhecimento comum, por meio de uma resignificação de fragmentos veiculados pelo/para o senso comum recortados de propagandas, séries de TV, notícias, etc.

Ao que parece, Bauman nunca foi um sociólogo amplamente reconhecido nos debates em que se fez presente, mesmo naquele que o tornou mundialmente conhecido, a querela modernidade/pós-modernidade, durante a década de 1990 – e de modo mais intenso durante a primeira década de 2000, quando cunhou termo “modernidade líquida”. Não por um acaso, esse foi o período em que o autor se aposentou e passou a produzir ostensivamente: escrevia de maneira prolífica nos meios de comunicação (*The Guardian*, *Le Repubblica*), concedeu toda uma gama de entrevistas em que reiterava seus principais argumentos e publicou textos, talvez em demasia, nos quais relaciona sua metáfora da liquidez moderna a domínios específicos da experiência humana (moral, educação, política, consumo, ciência, identidade etc.). No mesmo período, recebeu o *Premio Europeo Amalfi per la Sociologia e le Scienze Sociali* (em 1992, por *Modernida-*

---

TESTER, 2002, p. 23, 2011, p. 19). Muniz Sodré (1985) identifica como uma das principais características do que chama de “literatura de massa” a retomada da figura do herói mítico pelos escritores *best-sellers* no sentido de reencenar, por meio das personagens, o percurso triunfal ou trágico do predestinado ao heroísmo. Para o teórico, tal recurso busca suscitar uma projeção do leitor no personagem e em suas aventuras heróicas. Assim, a “epopéia” de Bauman construída por seus intérpretes é, de certo modo, um fenômeno derivado do crescimento editorial e difusão das obras do autor.

de e Holocausto)<sup>16</sup> e o *Theodor W. Adorno Preis* (1998)<sup>17</sup>, o que lhe conferiu e assegurou notoriedade nos vários circuitos da *indústria cultural*, como um dos maiores e mais influentes teóricos da sociologia contemporânea. Sua obra *Thinking Sociologically*, publicada em 1990<sup>18</sup>, ano de sua saída da Universidade de Leeds, é particularmente simbólica. Trata-se de uma tentativa do autor de introduzir conceitos e temas próprios da sociologia ao nível do senso comum, por meio de uma linguagem acessível a não iniciados na disciplina, e cuja principal característica é a utilização de toda sorte de episódios do cotidiano para demonstrar os argumentos desenvolvidos. Grosso modo, pode ser comparado a um manual de sociologia. Todavia, essa obra apresenta um exercício de análise e explicação sociológicas muito próximo dos textos que compõem a série da *fluidez social* e serve, nesse sentido, para elucidar as características internas da sociologia de Bauman.

Como foi observado, o sociólogo polonês ganhou maior visibilidade nas duas últimas décadas, quando, de forma deliberada, endereçou sua escrita para leitores leigos e se distanciou gradativamente dos debates mais aprofundados que desenvolvia quando professor universitário em Leeds<sup>19</sup>. Entregando-se, assim, a uma escrita de tom poético e elucidativo, em que examina fragmentos da vida cotidiana – como, por exemplo, o fenômeno *Big Brother* – a partir de uma apropriação de teses sustentadas por críticos sociais, filósofos, economistas e cientistas políticos, além de cânones do pensamento social, como Marx, Durkheim e Weber, o nosso autor deslocou-se dos bastidores da sociologia para a cena dos teóricos sociais contemporâneos, identificado como o pensador da pós-modernidade/modernidade líquida, pelo menos segundo seu maior público consumidor, os indivíduos não familiarizados com o discurso sociológico<sup>20</sup>.

<sup>16</sup> [http://www.dsp.uniroma1.it/index.php?option=com\\_content&task=view&id=148&Itemid=49](http://www.dsp.uniroma1.it/index.php?option=com_content&task=view&id=148&Itemid=49)

<sup>17</sup> [http://www.frankfurt.de/sixcms/detail.php?id=8650&ffmpar\[\\_id\\_inhalt\]=21490](http://www.frankfurt.de/sixcms/detail.php?id=8650&ffmpar[_id_inhalt]=21490)

<sup>18</sup> Reeditada dez anos depois com algumas alterações feitas por Bauman e Tim May, professor de sociologia na Universidade de Salford, Inglaterra. Assim, a segunda edição da obra contou com dois autores, diferentemente da primeira edição.

<sup>19</sup> Penso, nesse sentido, em *La cultura como praxis* (1973) e *Towards a Critical Sociology: An Essay on Commonsense and Emancipation* (1976). Outras obras, lançadas já no período de aposentadoria, como *Modernidade e Ambivalência* (1991) e *Ética pós-moderna* (1993) são bastante sofisticadas e aprofundam substantivamente temas de interesse do autor como a moralidade e a oposição moderna entre ordem e caos.

<sup>20</sup> Também Giddens o reconhece como o maior teórico da pós-modernidade, mas não costuma recorrer às ideias de Bauman quando trata do tema. Ulrich Beck, sociólogo alemão contemporâneo, chega a estabelecer um diálogo crítico com o autor, mas tão somente como consequência do que considera equívocos na leitura por Bauman, de seu *Risk Society: Towards a New Modernity* (1992), em prefácio à edição inglesa da obra.

Nesse sentido, o “reconhecimento” de Bauman pode estar relacionado ao interesse despertado por seus escritos nos vários nichos nacionais de consumo livresco organizados segundo a lógica dos mercados editoriais.

## Conclusão

Como mencionado, a sociologia de Bauman, para seus intérpretes, está radicada em sua história pessoal, desdobrada em suas proposições sobre a modernidade contemporânea. Tais narrativas biográficas com pretensões metateóricas apareceram justamente no período em que os textos do autor “ganham as massas”, em meados da década de 1990. Repercutem, desse modo, o próprio interesse despertado pelos “escritos líquidos” no amplo público. Assim sendo, o significado social dos comentaristas de Bauman reside na explosão editorial dos textos do autor, anteriormente voltados para um público especializado. A potência do sociólogo alemão, em termos sociais, vincula-se, portanto, a sua articulação entre conhecimento científico e senso comum. Como possibilidade social, a sociologia da modernidade líquida pode ser vista como uma das manifestações da difusão científico-cultural que percebemos atualmente nos vários nichos acadêmicos, onde especialistas diversos (filósofos, físicos, biólogos, sociólogos, etc.) tentam “esclarecer” os indivíduos numa sociedade ávida por conhecimentos que possam lançar luz nos caminhos tortuosos da individualização. Se, como afirma Beck (2010), o indivíduo, além de cadinho de substâncias tóxicas, tornou-se o responsável pela resolução das contradições do capitalismo na sociedade industrial de risco, a necessidade de informações sobre “como levar a vida” impõe-se fortemente. É a essa demanda que Bauman se volta, na medida em que não visualiza no horizonte mais próximo os “sólidos” necessários para a transformação da sociedade em termos coletivos. Para ele, - e nisto reside sua “fé na sociologia” - nada conquistamos individualmente. O que restaria aos intelectuais, nos tempos sombrios da liquidez social, é a tarefa de levar a crítica social do mundo sagrado da academia para o lugar profano do senso comum. Contudo, o movimento não será livre de fricções e contradições, na medida em que a crítica, para ser devidamente difundida para o senso comum e alcançar grande número de pessoas, deve necessariamente levar em conta os constrangimentos dos “mercados culturais” e sua natureza reificadora, assim como nos demonstram os escritos de Adorno e Horkheimer. Isso já percebemos, ainda que de modo indireto, nas próprias análises voltadas ao pensamento de Bauman, como desenvolvido anteriormente.

## Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Por uma sociologia crítica: um ensaio sobre senso comum e emancipação*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editores, 1977.

\_\_\_\_\_. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editores, 2001.

\_\_\_\_\_. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2004.

\_\_\_\_\_. *Vida Líquida*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2007a.

\_\_\_\_\_. *Tempos Líquidos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2007b.

\_\_\_\_\_. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2008.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editores, 1999.

\_\_\_\_\_. *Towards a critical sociology: an essay on commonsense and emancipation*. London. Routledge & Kegan Paul, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Ética pós-moderna*. São Paulo. Editora Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. *La cultura como praxis*. Barcelona. Ediciones Paidós Ibérica, 2002.

\_\_\_\_\_; ROVIROSA-MADRAZO, Citlali. *Vida a crédito*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editores, 2010c.

\_\_\_\_\_; TESTER, Keith. *Bauman sobre Bauman*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editores, 2011.

\_\_\_\_\_. *Las ambivalências de la modernidad y otras conversaciones*. Barcelona, Editorial Paidós Ibérica, 2002.

\_\_\_\_\_; VECCHI, Benedetto. *Identidade*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editores, 2005.

BECK, Ulrich. *Risk Society: towards a new modernity*. London, Sage: 1992.

\_\_\_\_\_. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo. Editora 34, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas. Papirus Editora, 2010.

\_\_\_\_\_. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo, Companhia das Letras: 1996.

ELIAS, Norbert. *Introdução à sociologia*. Lisboa, Edições 70, 2008.

HABERMAS, Jürgen. *Conhecimento e Interesse*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editores: 1982.

\_\_\_\_\_. *Técnica e Ciência como Ideologia*. Lisboa. Editorial Presença, 2009.

\_\_\_\_\_. *Teoría y praxis: estudios de filosofía social*. Madrid. Tecnos, 1990.

JACOBSEN, Michael Hiivid; PODER, Paul. (org.) *The sociology of Zygmunt Bauman: challenges and critique*. England. Ashgate, 2008.

KILMINSTER, Richard;VARCOE, Ian. *Culture, Modernity and Revolution: essays in honour of Zygmunt Bauman*. New York. Routledge, 1996.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro. Editora Record: 2001.

SMITH, Dennis. *Zygmunt Bauman: prophet of Postmodernity*. Cambridge, Polity Press, 1999.

SODRÉ, M. *Best-seller: a literatura de mercado*. São Paulo. Editora Ática, 1985.

\_\_\_\_\_. *Teoria da literatura de massa*. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1978.